

QUINTA-FEIRA
Lisboa--31 de Outubro--1929

4.º ANO

OSTENS
REVISTA

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

180

sempre

fiRe

semanario
humoristico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

T I P O S D A R U A



A tesourada foi tão grande que a tesoura não tinha concerto



Os ditos da semana



Boletim meteorológico

Pleno outono. Céu nublado. Vento fresco e, ao contrário do que reza o rifão, bom vento de Espanha. Continua a pressão atmosférica com base nos Açores mas não há prenúncios de trovoadas, nem seca nem molhada.

Mar chão mas cheira a maré e andam gaivotas em terra. Ainda se não içou o camarão e os pescadores de águas turvas continuam a deitar o anzol. O isco desaparece mas o azeite do anzol deixa muito a desejar.

Cabelos compridos

Volta a falar-se nos cabelos compridos. Os cabeleiros de bom tom, querem a toda a força que as mulheres deixem crescer os cabelos, mas as mulheres cortam-lhes os desejos à escovinha.

Quem se habituou à cabeça leve, à cabeça fresca, — ou não fossem mulheres — já não tolera um papelote, um monete nem um chichi na cabeça. As mulheres em geral não gostam de ter nada na cabeça, por isso cortam os cabelos, como as ideias — à garçonne.

Além disso o cabelo cortado evita muitas catastrofes. Já não há mulheres desgredadas, parplexas deante de maridos terozes sem poderem explicar a causa do desalinho dos seus adornos capilares.

Mesmo que as mulheres se deitem, os cabelos cortados põem-se em pé, aprumam-se no seu lugar, numa cumplicidade revoltante.

No tempo das tranças românticas, às vezes, procuran-

do bem, encontrava-se lá dentro a prova duma traição.

O cabelo comprido punha tudo a descoberto, tudo às claras, descobria a moleirinha às maiores patifarias e só tapava as cabeças.

Havia cabelos loiros e ondeados que, quando se agarravam ao fato escuro dum homem, gritavam como um clarim de guerra.

E depois, eram sempre uma arma de combate, às avessas de todas as armas.

Nunca serviam às donas, mas às suas adversárias. Com os cabelos cortados acabaram-se muitos trabalhos, muitos perigos e acabou-se a caspa.

Os cabeleiros bem querem, mas as mulheres não se deixam convencer.

E se os cabelos começassem

a crescer os cabeleiros iam todos para o fundo, sem que ninguém lhes pudesse valer, sem que ninguém fosse capaz de os agarrar sequer pelos cabelos.

Diniz Bordallo Pinheiro



exuarthel

Eugenio de Castro Apareceu o 5.º volume das Obras Completas de Eugenio de Castro. Só não é um acontecimento porque já o era, desde os tempos remotos em que apareceram as primeiras edições.

No meio do destrambelhamento literário de alguns poetas de hoje, a obra de Eugenio de Castro — aquela obra que no seu tempo foi um grito de revolta — aparece-nos com o delicioso sabor dos vinhos velhos, que quanto mais velhos são com mais gosto se absorvem. Como eles também nos embriagam.

«Depois da ceita» embebedamo-nos com «Constança» à «Sombra do quadrante».

Paris A «Tabaqueira» do sr. Alfredo da Silva teve a gentileza de nos enviar algumas onças de tabaco «Paris» que é, na verdade, um Tabaco agradável.

Os nossos agradecimentos.

Um cartaz Lê-se nalgumas paredes: *Estimam a vossa saúde? Bebam só os pirotitos, etc., da Casa Victoria.*

Se a Casa Victoria preza tanto os pirotitos como a gramática, desgraçada humanidade, estás envenenada!

Uma atrapalhão



O *huno* — Se eu não conheço ninguém neste baile para que me terão dado um passe?
O *outro* — (Olhando-lhe para a cabeça) :Talvez tivessem reparado em ti.

Um dos representantes da família Bordallo e unico representante em Portugal, das linotypes que tanto teem concorrido para o magifico aspecto grafico do papá «Diario de Lisboa».

Uma complicação



— ANOS brinquedos? Estes são todos do ano passado. Eu só queria que me dissessem o que é que hei-de pedir agora este ano ao menino Jesus?

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

AFINAL — como são as coisas entre nós! — os concorrentes ao T. N. são muitos. Concorrem empresários, escritores-empresários e artistas-empresários. E dizia-se que ficava deserto o concurso!... Até se afirmava — era o cumulo — que, em vista de não haver quem quizesse a exploração daquela forma, o teatro era novamente cedido a determinada companhia...

Quem são os concorrentes? Dizem-nos aqui do lado:
 A companhia A. R. C. R. M.
 A companhia B. R. A. da C.
 O escritor teatral, antigo empresário, L. F.
 O empresário M. e B.
 A actriz I. S., com um capitalista teatral conhecido... há um ano.
 Ou sejam cinco companhias... Cinco, nada menos!
 Qual será a contemplada?
 Esperemos o dia 30, data em que fecha o concurso...
 No dia 1 de Novembro — dia de Todos os Santos — já se ha de saber alguma coisa...
 Esperemos... que esperar não custa.

O Cine S. L. tem um programa que insere varios artigos de jornalistas conhecidos. Publica tambem uma secção intitulada «Intervalos», com novidades e noticias da semana. Abre com o seguinte ego, assinado pelo actor-empresario E. B.:

«Helena a bela Helena — a mais encantadora das mulheres do possivelmente engraçado do Bairro Camões. Casada. O marido ausente em viagem de comecio — penceis para barba de cauda de elefante.

Rodriguez — papa-se-pissimo, cinefilo, fotogenico, fixe nas estreias do S. L. e em casa da bela Helena na ausencia do marido.

— Hei, que ele está tão longo, sinto-te tão perto.

— Ha entre nos o espaço de um beijo. Que bons os teus beijos! Devo beijar assim o Ramon Novarro.

A chave deu uma volta na fechadura.

— Gens! meu marido!

— Perdidos!

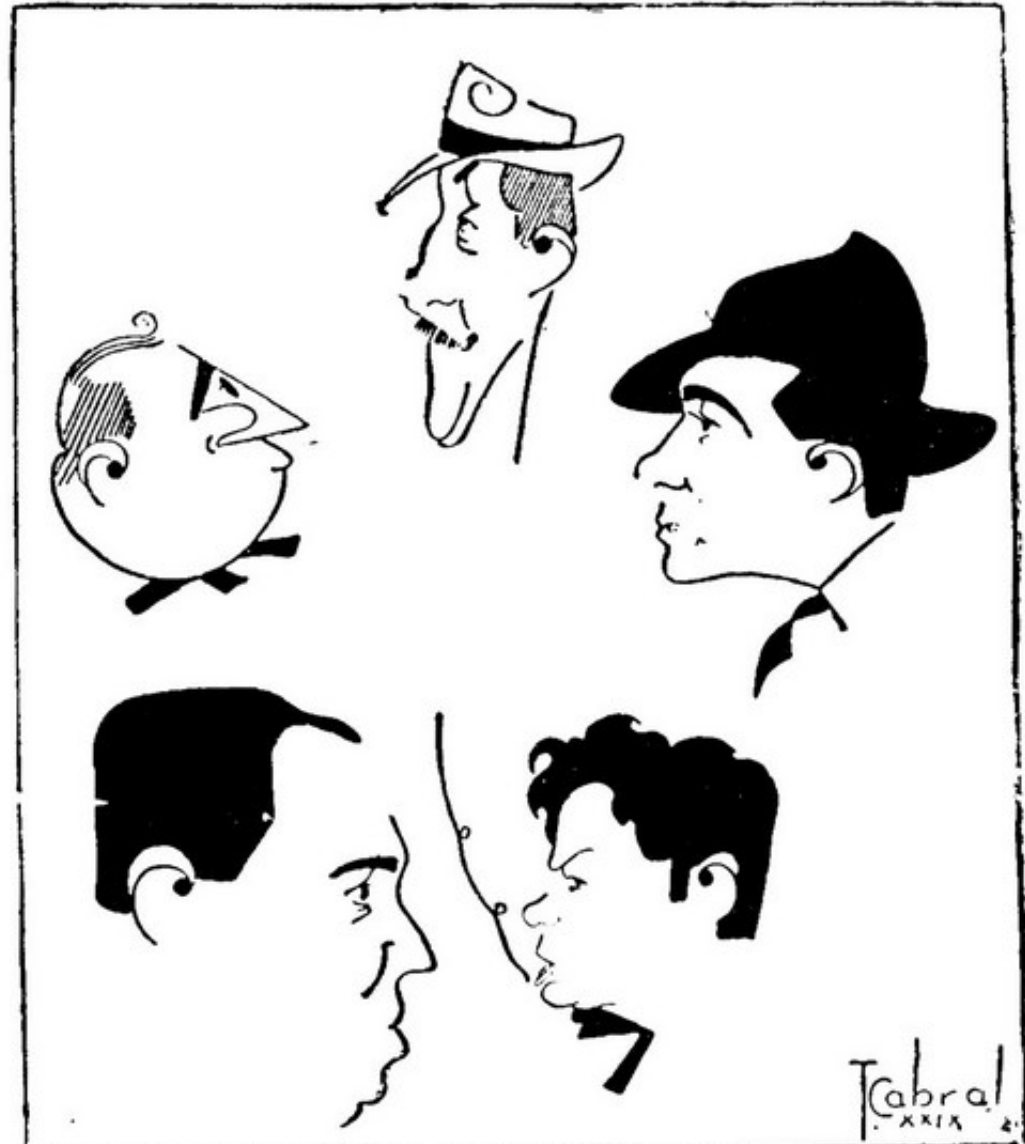
Um grito quebrou aquele silencio de terror, um silencio de ar-trepto. Era ele, — o homem dos pinceis.

— Ah! desgraçada! Então tu não recebeste o meu telegrama?»

Ah! desgraçado! Então tu não viste que isto não tem graça, ó engraçado E. B.?

Sempre te obrigam a cada uma... Outro éco, mais abaixo, diz o seguinte, sob o titulo «Conquistas!»:

«As conquistas do cinema! Dia a dia se acentuam. O cinema domina, infiltra-se, impõe-se. Em Portugal quasi não ha ninguem que não pertença á numerosa classe dos cinefilos... Até o Director de Lisboa iniciou a publicação, duas vezes por semana, duma columna de assuntos cinematograficos...»



Lino Ferreira, Antonio Carneiro, Fernando Santos, Almeida Amaral e Mario de Carvalho, os cinco «mandamentos» da revista moderna... ou a nova parceria mais conhecida pelos «Filhos do Lino».

— Quem não ha de estar contente é o Alvaro de Andrade!

Pelo contrario, sabemos, ficou contentissimo. E' menos uma columna... duas vezes por semana! Se lhes parece que não é razão... nestes tempos de dificuldades para encher um jornal!

So por isso, o A. de A. — disse-nos ainda em confidencia — talvez venha a pertencer á numerosa classe dos cinefilos... mas dos cinefilos sonoros, que é para poder dizer sempre que adormece nos cinemas...

O velho Nobre chegou a tempo... ao T. N... Tambem já não era sem tempo...



— Mas porque te não casas com Helena. Parece-me que és um bom partido não sabes...
 — Mas... casado não sou... e não sou casado.

po... A palavra tempo é de sua predilecção... Quem não o ouvir dizer, ao chegar a um grupo de amigos:

— Adens, rapazes do meu tempo... não conhecem o velho N... rapaz do meu tempo...

Nos bem previamos o que se ia passar no T. P...

Já não é a P. B. que vai interpretar a Rainha de Biarritz. Agora é a A. da O... Se houver nova zanga — não sabemos se houve alguma, mas calculamos — é possível que seja a M. M. a protagonista...

Tudo pode acontecer...

UMA das personagens dum filme ja-

ponês que brevemente se exhibará em Lisboa chama-se

Yoshiaki Nohakana

E depois ainda dizem que o cinema não cheira mal...

O empresário J. I., a quem apelidamos nesta pagina de *O par de botas*, mereceu — e não dizemos isto por amizade — este nome realmente. Já a primeira altura em que o teatro português atravessa uma tormenta feroz, colocase a frente de quatro casas de espectáculo. Fimam a seu cargo, nada menos, de cinco companhias de comedia, farsa, opereta e revista. Em Portugal, isto é qualquer coisa, e qualquer coisa que não pode passar sem registro.

«El Terrible Perez» — o nosso querido camarada de trabalho — traduziu para o T. A. uma peça de Muñoz Seca, intitulada «A pluma verde».

A pluma deve ser para o abanar do calor que deve ter nos cabelos... ou no lugar onde...

O «Sol de Portugal» vai pôr-se no T. V. vindo do T. A.

O «Cha de Parreira» vai ser servido no T. E. depois de ter sido bebido, até meo da chavena, no T. V.

DIALOGO á porta do T. N.:
 — Quando nos casamos?
 — Se chegares a tempo...

TRANSCRIVEMOS do nosso colega *O Povo*:

«Numa época em que o teatro M. V. estava vivendo em serias dificuldades, o empresario A. M., como recurso, resolveu chamar os principaes artistas e pediu-lhes para pagar os seus ordenados em prestações.

Todos concordaram, menos o fallecido actor Jorge Roldão, que, ao ser consultado no camarim, respondeu ao secretario da empresa, que era o A. V.:

— Olha, diz lá ao teu patrão que em prestações não pode ser, porque eu, quando vou para a scena, levo o corpo todo duma vez...

VAI reabrir o C. dos R. Alegrem-se as creanças e alegrem-se os que procuram nos palhaços motivo para rir. Somos nós que ainda nos divertimos com os augustos.

Bem haja o R. C., que não esqueceu de que é necessario rir para se viver um pouco mais confortado...

O Homem das 5 horas

«Gulierrez»

ANECDOTAS AUTENTICAS

Os talheres de alpaca

Era no inverno e, segundo conta o Borda d'Agua, chovia aquela chuva maldinha que Conan Doyle classifica de londrina e por ca da pela definição suggestiva de molhatalos, J. M., que não é positivamente um tolo, apenas a gola do paletó erguida, apertara a durão a noite, de latepim em latepim, na lama ardua de comprar vinho a copo. As nove horas da manhã, não sabemos por que carga de água, em carga de vinho — ainda não te offerta a casa. Via montes, muito interessados.

Em estabelecimento de ferragens, na rua Esgueto dos Santos, a tarraxa particular atendeu. Contemplou por largo espaço uns talheres que se expunham na vitrine. Tomou-lhe uma salada e alguma ressonância, catou a passo tanto quanto possível firme. O caixairo e o tempo em o armino de umas facas de cozinha, grandes como pescadas maranhãs, e veio atendê-lo, subito.

— O cavallo do seu fazendeiro, um obsequio — disse-lhe J. M. — muita cortezia e delado. — Minha arma faz hoje a tua — em resposta offerecer-lhe uns talheres bons e por um tempo, patras.

— Então, não é que lhe convém acudir o cartório, convenientemente que principava bem o seu dia.

Encontrou uma esada de mão as prafelmas e foi lá a procura buscar um par de facas, prafelmas e sobre a balança, desembrulhada e mostrada o conteúdo.

— Aqui tem uns talheres espadados — disse-lhe — latanas de aço de boa tempera. Isto resiste seculos!

J. M. examinou-os, franzindo o sobrelho.

— Não tem melhor? — inquiriu após o silencioso e atento exame.

— Temos, muito melhor — respondeu o empregado, correndo a buscar de contra prafelma alta outro grande par de, que desatou, espalhando lindos talheres sobre o balcão.

J. M. quiz melhor ainda, coisa boa, fina, genero prafelma de anos...

— Estes são os melhores que temos na casa — disse o caixairo, já um pouco fatigado de subir e descer a esada de mão, agoniado de cabrullhos.

— Em Lisboa não os encontra superiores. Este metal nunca se faz feio.

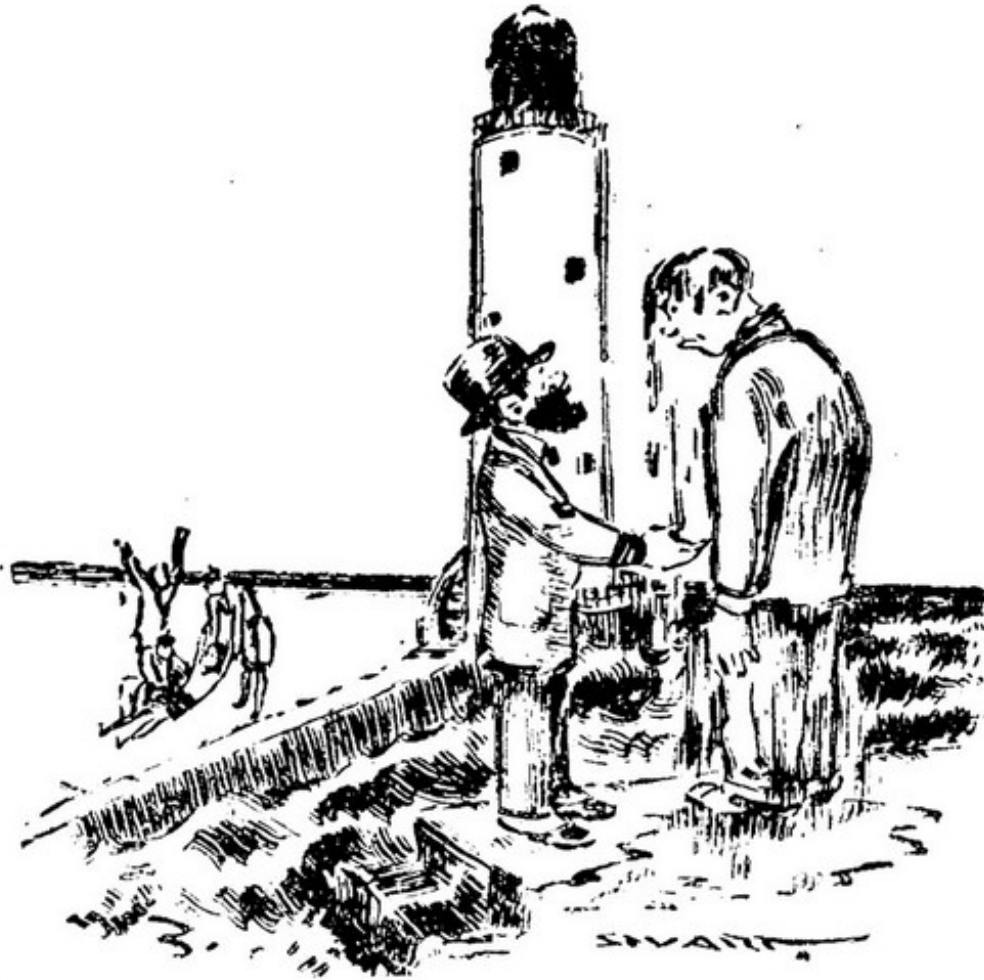
— E que metal é este? — perguntou J. M., interessado.

— É alpaca — informou o empregado.

— Alpaca? — comentou J. M. — muita fregate de pessoa exigente. — Eu que ria melhor do que alpaca. Por exemplo, gabardina, não tem?

— Se J. M. não forte ligeiro, o empregado — boia na — em postas com uma faca de cozinha.

Series grandes? só o PINA se vende 75 - Rua de S. Paulo - 7



— Bravo! O sr. é um valente. A coragem com que se atirou ao mar para salvar a minha filha!... — Pois sim. O que eu queria saber é quem foi o malandro que me empurrou para dentro de água.

O grande e horrível crime

Toda a gente ficou pasmada ao ter conhecimento da tão facil descoberta do grande roubo da rua dos Calafates, por se tratar de dois gatunos tão sabulosos, como o celebre Gaiçôna e o não menos afamado Faltad'arremedio.

Em o atilado agente Custodio dos Alviões quem o descobriu, cobrindo-se mais uma vez da gloria inarresistível dos grandes detectives mundiais.

Os jornais celebraram o caso em longas parangenas; mas neoham soube explicar como o agente adivinhara que aquella hora tardia da noite se perpetrava o crime numa casa longanqua.

— Eu o sei e o vou contar.

Gaiçôna passara o dia numa faberna diaz meditações da casa, onde, por falta de dinheiro, só comera duas sopas de feijão encarnado, bebendo contudo, em abundancia, vinho verde. A fera combinada, a que o Faltad'arremedio ali o foi encontrar, já o Gaiçôna estava grosso.

Nestas condições, o seu companheiro — seu dever aproveitar uma cunha desocupada que encontrara num quarto da entrada, para deitar o Gaiçôna, enquanto de ma taba-

lha. E assim fez, roubando no maior silencio e socego todos os valores, les vastos saibos, do escritorio e da sala de jantar.

Como a cozinha tinha uma janela que dava para uma travessa solitaria, logo resolveu por ela fugir, acutilando ali os haveres que ia surripando.

Acabada a tarefa, ia acordar o companheiro, quando deu por um grão de telho de papas de milho que, sobre as brazas ainda crepitantes, espalhavam um aroma tentador.

Então, lembrando-se de que não comera nada naquele dia, sentiu uma fome irresistível e atirou-se as papas como gato a bote. Satisfeito, pensou no colega adormecido e para o acordar agradavelmente levou-lhe o tacho com o resto das sopas apetitosas.

Chegado perto da cama, chamou baixinho:

— Gaiçôna, Gaiçôna! Olhe, comas estas papas que te fazem bem.

Mas o Gaiçôna, em vez de responder, soprava fu! fu!

Homen não sopras, que das não escas assim tão quentes. Olha que se te faz de, vamos nos embora.

Mas o Gaiçôna só fazia fu! fu! fu! E era um mau habitudo de lutar um matago.

O Faltad'arremedio, desesperor-se:

— Queres ou não queres...

— E o outro: fu! fu!

— Ah! Ele e isso? Espera lá.

— E — zés! — chapoulhe com as papas da cara.

O Gaiçôna acordou sobressallado, a barafustar, e o Custodio, que por ali passava, ouvindo diversos insultos seões sairem duma casa tao decente, farejando caso, deu o alarme e conseguiu assim apanhar os gatunos.

Estes só no calabouço se explicaram. O Gaiçôna, com a bebedeira, descompuzera-se e aqueles fufes de mau halito não eram mais do que as flatulencias produzidas pelo feijão. Apanhara assim com as papas quentes, em chelo, no posterior. E por isso se indignara, a ponto de chamar a atenção do famigerado detective.

Inácio Presunto.

PELO MUNDO

PERIN, 29. — Numa aldeia perto desta cidade, uma mulher de trinta e quatro anos de idade acaba de dar á luz três creanças.

O caso reveste um aspecto extraordinario apenas porque as creanças não são filhas do mesmo pai.

MAISELHA, 29. — Os empregados do caminho de ferro da P. L. M. declararam-se em greve porque querem ser pagos á linha.

FRAGA, 29. — De uma das aldeias desta cidade fugiu um individuo acusado de assassinato e que, dentro do dia, deveria ser executado.

A policia perseguio o criminoso que, na precipitação da fuga, foi atropelado por um tauri «Palhinhas».

O chauffeur foi vivamente felicitado.

GLASGOW, 29. — No portal duma esada foi encontrado ontem pela policia o cadaver duma rapariga ido embalhado em jornas.

A policia prossegue as investigações para se aquitar se se trata dum crime ou dum vulgar suicidio.

PARIS, 29. — O pasteleiro Jean Bourdignac, para se vingar da mulher que o atirou para o mar, matou um quilo de acido prafelma nos pastels de seu fabrico. Ha ja 29 dias pessoas mortas, pelo que Bourdignac supõe que o seu rival está entre as victimas e a sua familia, tortando a vida.

TOLLOSI, 29. — Esta cidade acaba de ser teatro duma terrivel acidente de caminho de ferro.

Erani nove horas e dez quando de repente surgiu na gare de Matarnan e atraindo a policia de Paris as 8 da tarde.

Por circumstancias que não se explicam ainda, o comboio chegava sem um minuto de atraso. Os passageiros ficaram de tal forma impressionados com o caso que morreram todos de pasmo.

LONDRES, 29. — Ha quinze dias que se está sem noticias de Edgar Winter, que não voltou ao seu domicilio desde a tarde em que a policia o prendeu no momento em que acabava de estrangular uma mulher. A familia está num estado de desolação arripante.

(Serviço especial para o «Sempre Fixo».)

Uma anedota

O acaso, trouxe-me um livro de 1817 — «Nouveau Mimus Français» — e e dele que faço a extração sem dor da historia que segue:

— Dois amigos que havia muito tempo se não viam, encontraram-se:

— Bravo! Ditosos olhos que te veem. Como tens passado? Que tens feito?

— Assim, assim — respondeu o outro. Depois que nos não vemos... casou-se.

— Bravo. É uma boa noticia que me des.

— Boa noticia, não! Porque me casei com uma mulher que é uma fera autentica. Insupportavel!

— Tanto peor...

— Não e bem assim porque... ela teve um dote de dois mil luses.

— Ah! entao... já estas consolado.

— Não, homem... Com esse dinheiro comprei alguns rebanhos de carneiros.

— E uma doença matou-os todos!

— Oh! diabo! Isso é que é infelicidade!

— Não tanto como isso porque com a venda das peles dos carneiros mortos salvei o dinheiro todo.

— Nesse caso, estás indemnizado. Não tens que queixar-te.

— Não é bem assim porque a casa onde eu depositava o dinheiro ardeu.

— Collado! Que desgosto!

— Não tão grande como tu pensas... porque a minha mulher morreu no incendio.



— Onde vais tu com tanta pressa? — Vou ao enterro do meu paião. Então tu não sabes que ele gostava muito da pontualidade?!

BOM HUMOR

Para o marido, que entra ferido:
 — Onde vens?
 — Dum desafio de foot-ball,
 — Nesse estado? Jogaste?
 — Não? Fiz de refre...

O juiz: — Sabe para onde vai se não disser a verdade?
 O réu: — Para o inferno!
 O juiz: — E se disser?
 O réu: — Para a prisão...

— Gostava de dever quarenta contos!
 — Não sejas louco, homem!
 — Não sou, não! Era só metade do que devo!...

Na hospedaria:
 — Tenho que mudar de quarto! Encontro esta barata morta no chão!
 — Mas se está morta, não faz mal!
 — E as que passam a noite a velar-lhe o cadáver?...

Ele: — Quando soubeste pela primeira vez que me amavas?
 Ela: — Quando senti que sofrias por te chamarem idiota!...

Num campo de corridas pedestres:
 — Aquel amigo estava treinando para correr de quilometro?
 — Não, senhor! Para caixeiro bancario...

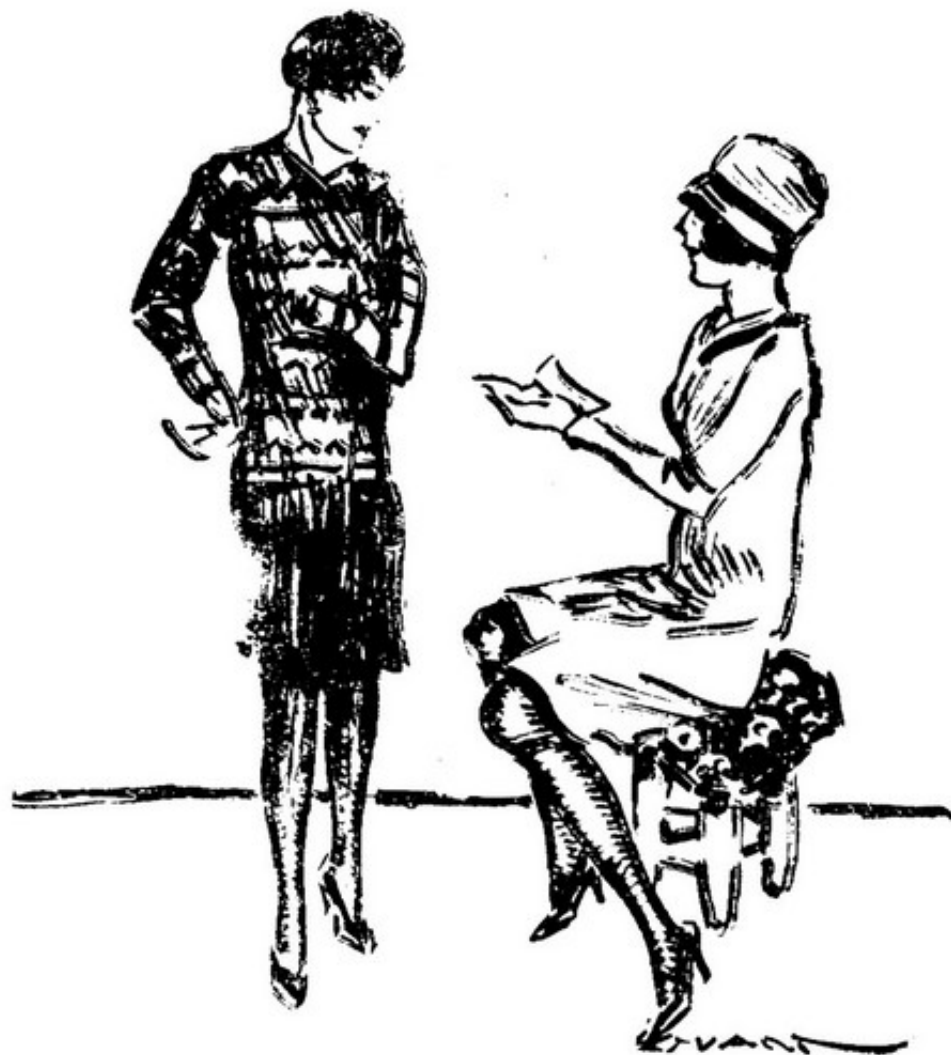
No hotel:
 — O senhor não disse que o acordasse se acordasse alguma coisa um proximo?
 — Dissi!
 — Pois fiquei sabendo que não sucedeu nada!...

A mulher: — Nos primeiros tempos do nosso casamento levavas-me a cama. Mas agora...
 O marido: — Já não é preciso porque aprendeste a cosinhar!...

Entre meninos:
 — Não sabes que fenomeno se dá quando a agua se transforma em gelo?
 — Sei, sim. Sob o preço!...

Entre vizinhas

Entre vizinhas:
 A primeira que nunca percebe o que lê:
 — A sr. Engracia não costuma ler no jornal as noticias do *suporte*?
 — Isso sim, não suporto essas brutalidades, diz a outra que tem a convicção de que percebe tudo e tem sempre uma explicação ou uma resposta pronta, immediata.
 — Pois olhe que eu fui ao foot ball um dia destes e agora leio sempre as noticias dos desafios.
 — Eu nunca leio.
 — Tambem como não conhece o jogo, não percebe aqueles termos com certeza.
 — Ora essa! Não pe cibo agora!
 La isso felizmente de perceber seja o que for não me meto medo.
 — Pois olhe ja eu não posso dizer o mesmo. Leio as vezes coisas que por mais voltas que lhe dê, não sou capaz de perceber. Ainda hoje por exemplo, numa noticia de foot-ball vem lá uma coisa que não sou capaz de compreender.
 Ora aí está: a sr. é que me pode explicar, é que me pode fazer esse favor. Fala-se lá nas meias finais do Campeonato. Ora por mais voltas que dê ao miolo, não ha meio de descobrir o que isto quer dizer...
 — Ora, ora sr.ª Rosa. É muito simples. Está-se mesmo a vér. As meias finais do Campeonato; são as meias que eles calçaram no fim...



— Estou furiosa! Recebi uma carta anónima que diz de mim as peiores infamias!...
 — Procura entre as tuas amigas. Isso deve ser de qualquer pessoa que te conhece muito bem.

A distração do Conselheiro

Eu tive um tio que era contra-cunhado dum primo do conselheiro Serpa Pimentel, e por isso o meu tio contava, quando eu era pequeno, muitas historias daquele homem de Estado, de quem pelo parentesco aludido se julgava intimo. Talqualmente aquelle meu amigo que, porque tinha uma tia que era muito amiga duma amiga de D. Luis, usa anel de brazão e julga sinceramente que é fidalgo.
 «Mas isso é uma outra historia!»
 Voltemos ao nosso conselheiro, de quem o tal meu tio contava muitas anedotas engraçadas, especialmente as que se referiam a sua distração, que chegou a ser proverbial, naquello santo tempo em que ainda havia proverbios.

Vou vér, para entretem innocente dos leitores, se me lembro de algumas.
 Sim, senhor: recordo-me, por exemplo, desta:

Antigamente, como sabem, não havia electricidade; eram *quercavos*, puxados a mulas, que paravam, mais ou menos, onde a gente queria. E tambem nesse tempo uns carros algo parecidos que conduziã a carne para os talhos. Era uma manha, o conselheiro saiu de casa muito absorto na leitura do seu jornal. Via um carro parado, entrou nele e sentou-se num banco junto da pata. De repente, ouviu um vozinho perguntar-lhe:

— Para onde vem e quer ir?
 — Para o Terreno do Paço — respondeu o conselheiro sem desparar da leitura.

— Pois isto vai mas é para o Matadouro.

— Para o Matadouro vai ele! — retrucou o conselheiro, abespinhado. E pôs-se de pé dum salto.

Foi só então que reparou que entrara, por engano, num dos tais carros da carne.

— O diabo tinha razão — contava ele, depois. — O carro ia efectivamente para o Matadouro.

Doutra vez, estando a fazer horas para o conselho de ministros onde D. Luis queria que todos apparecessem de uniforme; tirou o espadim para brincar com um neto. Momentos depois, avelou-o novamente e partiu para o Paço. Quando entrou no con-

selho estalou uma irreprimivel gargalhada. Foi então que o conselheiro deu por elle em lugar do seu espadim, afivelara a espada de latão do neto.

Agora, para mim, a que tem mais pilheria é a do baile. Eu conto. Deveria saber que, naqueles tempos, usava-se, com a casaca, um chapéu de seda, de molas, chamado *claque*, que se trazia, fechado, sob o braço esquerdo.

Num baile de gala a que o conselheiro comparecera, serviram-se refrescos, que lhe produziram uma estranha e comprometedorã dôr de barriga.

La como ponde, obtive dum criado a indicação do sitio proprio e, em breve, já aliviado, voltava ao convívio dos seus admiradores.

Mas logo que entrou no salão, produziram-se um movimento geral de espanto. Aos *ohs* dos cavalheiros, respondiam as rizadas abafadas das senhoras. O conselheiro notou que era ele o objecto da insolita recepção e foi então que notou... que, em vez da *claque*, trazia debaixo do braço a roda de pau com que, nesse tempo, se tapavam as retretes.

Florencio Florentino.

ANEDOTAS ESPANHOLAS

“Deus salve o Rei!...”

Vocelencias, mas não ha boa memoria, recordam-se certamente, daquela arripante, magadora epidemia de *grippe* que, depois da pneumonia, andou por aí a magar a gente e a dar dinheiro a ganhar aos senhores das agencias funerarias.

Pois, a proposito, ca vai uma historietta que ha pouco tempo fomos num dos molinos portaes semirusticos da velha Espanha.

Uma das terras que mais soffera com a epidemia era a nossa santissima vizinha Espanha que, ao fim de muito tempo e de muita asnera dos molinos, com muita d'heita e mal operante e se foi, embora por seu pe, sem auxilio de galenos.

Em Madrid crassava então furiosamente a epidemia. E, porque o microbio não respecta idades, nem sexos, nem nacionalidades, aquelles dois turistas ingleses foram atados na capital da Espanha pela *grippe*.

Vendo o medico, ao fim de uns bons dias, um passava já; o outro, em compensação, na a caminho do cemeterio fazer companhia nos que a *grippe* já enterrara.

O que se salvava, como bem amigo que era, não tem, apesar do falecimento do companheiro, ir pagar ao medico, embora a nenhuma officina da sua intervenção.

Disposto a isso, o subdito de Sua Magestade Britanica entrou na casa do medico e pagou a conta — uma conta bem puxadinha, por sinal.

Quando saiu, levou a placa metalleica que o galvo tinha aparafusada a porta.

Dizia assim:

EDU TOR MENGANEZ

Medico de S. M. el Rey

Indignado a valer com o pou o exito do medico na doença do seu companheiro e amigo, o inglês cocou a cabeleira ruxa e, puxando dum canivete, gravou na placa esta legenda, velha conhecida das armazenas inglesas:

“God save the King!...”

Quer a sorte grande?
 Habilite-se na tabacaria MADRID
 Rua do Mundo, 115



— Dr. Não passe dormir. Recolte-me qualquer coisa.
 — Deixe-se estar como está que eu vou pôr na grade-nela uma coleção de fados em sextilhas.

Elevador da Gloria

Depois de o espectáculo a empresário ficou indignado com o tenor, um autentico canastrão.

E intoleravel a sua voz! Cantou mal, muito mal. O publico, palcos-o justam-ente atrahendo-lhe tudo quanto tinha a maior batatas, tomates, e-bobas.

O tenor:
— Ah! bem, O senhor, diga que me sustento com a ordenada que recebo aqui?

Um bebado é que alguns medicos afirmam que o corpo humano contém quatro quintas partes de agua.

Diz:
— Quando me fizeram a autopsia, a s-renta foi que não ficou a sua ep-tima.

Um cavalheiro de uma familia de familia a outro que não se lembra.

— Que mal, nos podes contar de a familia da tua esposa, quando tu e-a não estavas?

— Sou eu professor, e a minha esposa respondeu-me o contrario.

— E por que não faz?

— Porque não se lembra da casa.

Dois amigos que estavam de se intrugar, encontraram-se. Um deles diz:

— Acabo de comprar a ferradura do cavallo de Alexandre Magno!

— Isso não é nada! Esta manhã ofereceram-me a certidão de baptismo da sogra de Afonso!

Entre vizinhos:

— Encontrei a galinha que tinha perdido!

— O melhor é dizer ao seu marido que anda também a procura dela!

— Não faz mal, porque se a encontrarão em dois dias...

A espinha do Barata

O nosso Manuel Barata, estava no tempo como amanuense numa repartição do Governo Civil, tomando sempre as suas horas numa conhecida casa de pasto da vizinhança.

Porque, como os fund's monetarios não se multiplicavam, antes pelo contrario, o Barata, costumava pagar as despesas que aí fazia, somente no fim de cada mês. Mas, por motivos que para o caso não vem, o nosso Barata esqueceu-se de pagar a conta no tal restaurante, o que levou o dono da casa a perguntar a mulher: — O' Candida, Candida, o Barata já pagou a conta do mês passado?

— Isso sim, respondeu ella, já estamos a 5, e nada, nem vintemo.

Bem — disse o marido — E voltando-se para o cosinheiro, previne:

— Olhe, quando vier o senhor Barata, diz-lhe que se não pagar o atrazado, que vá comer a outra parte.

Meia hora que foi passada, appareceu o nosso Barata, todo sorridente, esfregando as mãos, como era seu costume. Deu as boas tardes a todos os presentes e dirigindo-se para o cosinheiro, perguntou-lhe todo amavel:

— Olá, então de que é hoje a soppinha?

— A soppinha — respondeu aquilo — hoje, é de bode...

E foi.

S. T.

Oh! fado que foste fado!

Lisboa é já o grande fado de novo café. A par dos cafés, a cidade exanema de tabernas e de leitarias. Mas a taberna civilizou-se para ombrear com a leitaria, que lhe usurpou a venda vinicola. Dizem os devotos do deus Baccho que muitas leitarias de Lisboa tem melhor vinho do que as poucas Covas Fundas que a capital ostenta raramente! Em compensação, ha tabernas da rua Silva e Albuquerque que vendem mais apetitosos pasteis do que a Primavera e a Marques do Chiado.

A cidade anda positivamente desorientada. O classico fadinho deslocou-se das alfurjas de Alfama para os salões da Alegria e outros que-secos, com cavalheiros de smoking e damas de cabalo, ortado a dar-lhes a cantada. A frota, a d'algum tempo podia ser mais flagrantis. Nos botafumeiros e em camararias, da Mouraria, vive-se no grama-fado a vez do Marano, do Belmonteourt e outros, entretido, em verdadeira *travesti*, a canção nacional! A cidade aranha, a dos touros para *cautosos*, a dos *ancharobotes*, a capital pacata dos apenachos, de vinho abafado da travessa da Palha e do succulento prato cazas de pato com ervilhas de boia, que é o pseudonimo da tradicional posta de bacalhau com grão, vai esborroando-se nos pontos para ceder o lugar aos *cocktails* do *Marin's* e da *Bristol*, as *masagras* dos *cafés chics* e as *cupidas patisseries*.

Mas onde a miungua de classicismo culinario cidadão mais se faz sentir ainda e nas arqueologicas iscas, enlevo do velho portuguezinho do

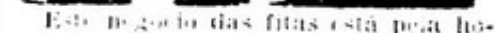
tempo em que se prometia, como um dos artigos mais gratos de programas politicos, o bacalhau a pataco.

Encontrar hoje, em Lisboa, um prato de iscas é mais difficil do que fazer em avião a travessia do Atlantico. A pessoa pouco endinheirada e de popular appetite gastronomico corre Seca e Meca para encontrar uma isca, com orelas ou sem orelas. Parece mal comer a medesta isca, pelo menos enquanto se não decretar que para isso se vista casaca, ostentando varias condecorações...

E' notoria a resposta á pergunta: «Tem iscas?» O criado esarminho, mirando-nos desprezativamente de alto a baixo, certam-nte para vêr se vestimos pelo ultimo figurino de Paris, limita-se a dizer, secamente: «Temos bife, frango e *mayonaisse* de lagosta! Nem na Madragoa, nem em Alfama, a peixe isca se pode comer. Eles tem razão; para oischo bastam as meninas e meninos estilizados que passeiam pela Palva.

O leitor já deve entender que quem escreve estas linhas é um antigo lisboeta saudoso de velhos tempos? Então desculpe e não o oja mais, porque ele tem necessidade de ir também comer alguma coisa para se fortalecer da fraqueza de todo este discurso. O pior é que tem pouco dinheiro e não sabe o que ha de comer. Talvez uma quequadinha de Sintra com uma gazosa e um rebuçado de frutas. Esta combinado. Depois vai a casa pôr o *smoking* e marcha para o *aferro* de Engenheiro, a ouvir cantar o fado, talvez acompanhado, se lhe pagarem, dum calice de «Kermans...

...titas faladas



Este negocio das titas está pela hora da morte. Os distribuidores, os exhibidores, os espectadores e os criticos cada vez se entendem menos. Os distribuidores distribuem declarações acimosas e inflamadas contra a indecisão do publico e a incompetencia dos criticos menores. Os exhibidores exibem por toda a parte a sua desolação. Os espedaladores estão com uma expectoração de pateada que não se sabe onde é que irá parar. E a critica atravessa uma situação bastante critica...

Um exemplo frisante é o da *Aldeta do Pecado*, que ao ser corrida no São Luis quasi originou uma corrida á antiga portuguesa.

Na primeira noite, o publico saiu agoniado, a chamar pelo Grigorieff. No dia seguinte, o Jorzuho bateu o pé e disse que não havia o direito de mostrar ao publico um filme tao bom, exactamente na altura em que elle se preparava para lhe mostrar a *Danca dos Paratistas*. O Pires também fez traça por faltar na C.A. um traço talvez modernista. A S. G. E. publicou um annuncio salvavidas que lhe custou os olhos da cara. E o publico correu em massa ao consultorio do dr. Figas Moris, donde vieram a resultar alguns intermimentos em Bilhafoles e varias andanças nos Pequenos Deditos.

Nos, que tão queremos cometer o pecado de brincar com a *Aldeta do Pecado*, nem cometer o nariz onde não somos chamados, limitamo-nos a aconselhar o publico e a critica a não mais acollherem assim aquilo que reclamam. As encomendas não se dovolvem, e não se adretem se lhes cortarem a ração sovietica prometida. Na perspectiva de semelhantes injusticas, não ha empresa que cara, nem Pirada, nem *Preobraspenskana* daí abaixo...

No Tivoli, a *Voz do Mistério* esarteou as admiradoras de Menjou, quando a viram todo lambuzado do branco, a fingir que não tinha rugas. O Pado, lá por saber *manutar o péso*, também não é um actor que *mude de péso*. O *Romance de Tatie* é um filme de W. C. Fields, duma *Parada* muito ordinaria, e em que a *Condição* não é como se dizia, uma caneta de graca permanente. Mas o mo não trabalha *de alto* para a Parada, deve dizer-lhe com os seus dentes: *He is Chest*... que é como quem diz: *Ele é que pó!*

Então, o programa por era uma verga. E este... *Condição*...

O Odeon apresenta a *Lei das Partes*. Ah, o que nos adertamos, vêr os olhos! Mas se o *Fado por um bapo*... de Ruth Elder, que tanto vouu que chegou a *estrela*. Mas, cotadinha; não chega a *Estrela-Avenida*! Nem mesmo a *Estrela-Camões*, porque meteu os pés pelas mãos. *Estrela!*... Santos da casa não fazem magres...

O Central, como os *em milhões* da *Malemetsche* não davam para o petroleo... Gall que o sr. Fretre consume, atira as culpas para cima do *culpado*! E agora vai fazer sofrer nos seus frequentadores uma data de *Dias de Tortura*. E' torto como um arrocho!

No Max Cine, que também é gente porque manda cartões a gente, passou-se o *Drama do Monte Cervino*. Inspirado nele, um realizador do bairro está compondo um filme intitulado *O Drama do Alto do Pina*.

Temos recebido uma volumosa correspondencia reclamando-nos a conclusão da anecdota historica que começamos a publicar em folhetins. A pedido do interessado, conclui-la-emos no proximo numero, já que o espaço nos falta neste.

Que pena!...

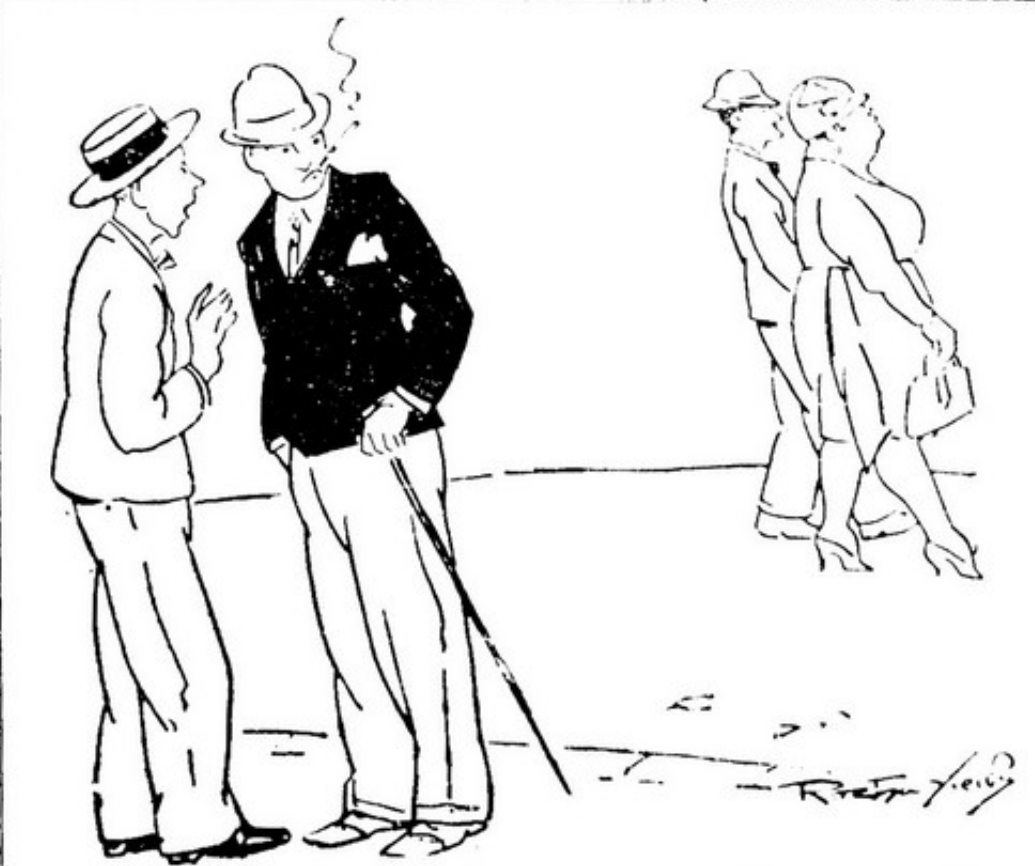
Retardador

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes!



— Olha lá, tu não vês com que mulher tão velha se casou o Alberto!
— Não admira. Ele é de uma familia muito antiga.

"A Peninha" "Restaurant"

O seu proprietario previne os seus Ex.^{mas} amigos e clientes que reabriu este acreditado "restaurant", na rua Pascoal de Melo, n.º 9.

Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruina. Este "restaurant" encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os também aos domicilios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietario, que espera e agradece uma visita á nova

"PENINHA"

9, Rua Pascoal de Melo, 9-A (a Almirante Reis)
(junto á fabrica de cerveja Portugal) — TELEFONE N. 6582

ATUM EM AZEITE!?

Só TENORIO...

MARCA REGISTRADA



O que se diz e o que se não deve dizer

Os resultados épicos do "foot-ball"

O segundo domingo do campeonato de foot-ball resultou interessantíssimo.

Um resultado épico: — o do *Bele-renses* sobre o *Chelas* — 12 a 1. José Manoel fez um autentico beneficio com dez *goals*. Os literatos de meia-tijela dizem que é um *record* grande demais para um homem tão pequeno. Mas o que é certo e ficou provado é que os triunfadores do *association* nacional continuam a ser os *minúsculos*.

Outro épico resultado foi a vitória do *Chelas* sobre os rapazes de *Alcantara*. Na primeira exibição do *Chelas*, os críticos furtaram-se de o pôr pela hora da morte. Ai vem a resposta. O que vale é que, como a critica tem argumentos para tudo, ela assevera agora que o *Caravelinhos* está moribundo. E qualquer dia, o *moribundo* bate o *leader* do campeonato...

O dr. Mario Madeira completou brilhantemente a Volta de Portugal em automovel, estabelecendo um tempo *record* no seu *Whippet Overland* do *Brio*.

O novo *recordman* conseguiu, porém, um resultado ainda melhor do que o de fazer a Volta em tantas horas, tantos minutos e tantos segundos. Foi o de demonstrar que se *atira* as provas, não para ganhar dinheiro mas ainda para o *gastar*...

Na redacção do *Diário de Lisboa* foi recebida a seguinte mirifica epistola:

"Ex.^{mo} Sr. — Tendo o vosso conceituado jornal publicado no dia 15 do corrente, na secção d'elo *Desportos*, dizendo *«mais uma sessão da Assembleia Geral da Associação de Foot-ball de Lisboa sem resultados praticos nenhuns»*, ve-

nho pela presente comunicar a V. Ex.^a que na reunião da A. G. do dia 17 do corrente foi, por proposta do Ex.^{mo} Sr. dr. Virgilio Godinho, exarado na acta um voto de protesto e resolvido convidar o vosso jornal a assistir as nossas Assembleias para que V. Ex.^{as} possam constatar os trabalhos da mesma. Com a maior consideração, subscrevo-me, de V. Ex.^a etc.,
O 1.^o Secretario da Mesa da A. G.

O *foot-ball*, em Portugal, tinha que acabar assim: — regido por pandegos deste quilatel

Uma revista automobilista estrangeira publica o anuncio que segue:

«Vende-se automovel que não chegou a percorrer com quilómetros»

Tudo leva a crer que o pobresinho

não podia, naturalmente, percorrer mais...

O presidente da Federação Italiana de Rugby e o ministro dos Sports do governo fascista acatam de dar indistinctivas provas de energia. Suprimiram a Federação Transalpina de Rugby por anti-desportividade de certos jogadores e falta de energia de dirigentes de clubs.

O machado do Inter fascista cortou de modo definitivo os nos gordos arranjados pelas hesitações dos dirigentes e pela má fe dos jogadores.

Parece que o *rugby* italiano era mais uma modalidade do *ludim* dos *Suplicios*...

Rebola-A-Boja.

O «SPORT» DO ENJOO

Memorias d'uma viagem pelo Atlantico

Quero avançar p'ra vante e não consigo
Sinto guinar as pernas p'ra bombordo.
Continua o balanço. Não concordo.
E todos a-ham bem aquilo que eu digo.
Olho em redor de mim e ja maldigo
O momento em que puz os pes a bordo.
Se o meu corpo desliza p'ra estibordo,
Pois se eu andar direito não consigo!
Que saudades eu tenho de Lisboa.
Ode a gente não sofre, nao enjoa,
Porque ali o balanço se não sente.
Como esta vida é cheia de surpresas!
Tenho a impressão que a pinha é miu-
dezas
como o navio balança loucamente.

Zé Maria.

SOARES — O BOLA HUMANA



— **Livra que já não sei se és Pépe se és bola. Chegas, botas o olho e entras.**

A caça através dos seculos



Caça prehistorica



Caça medieval



Caça moderna

ELOS DA SEMANA

O VENTO É BOM BAILADOR E, ASSIM COMO DEITA COISAS ABAIXO, PARA COMPENSAR, TAMBÉM ATIRA OUTRAS ACIMA.



SANTA APOLÓNIA E O BISPO DO POÇO NÃO SE TEEM DE CONTENTES COM O SEU FUTURO CAIS.



CIFKA DU AR O GRANDE DESCOBRIDOR DE CAMPOS DE AVIAÇÃO AO CHEGAR A TERCEIRA VIU TERRA E ENTUSIASMADO, BERROU: - ACHADA - E FOI ASSIM... QUE O CAMPO FICOU "DA ACHADA".



JÁ NÃO FOI SEM TEMPO... EMFIM ACABARAM OS VISTOS NOS PASSAPORTES. AGORA NÃO HAVERA CÃO NEM GATO QUE NÃO VÁ A FRANCE

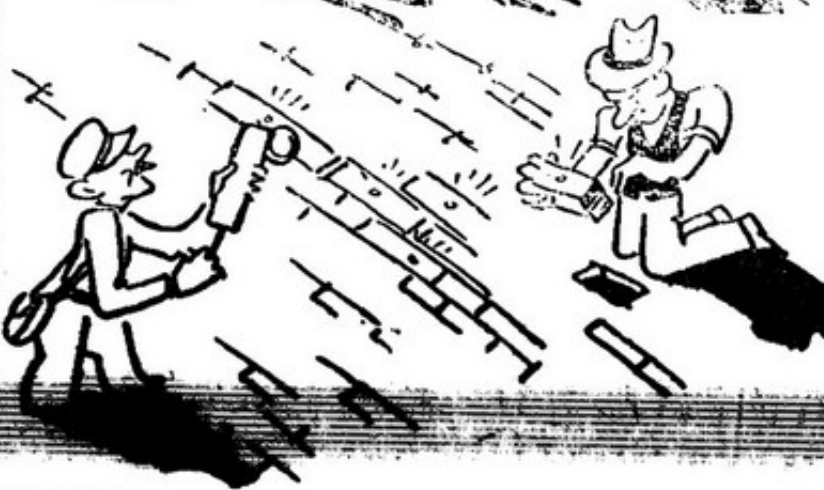


COM 400.000 £ JÁ O PORTO PODE MUITO BEM PINTAR OS CORTINOS DOS BOIS A PRATA E PAVIMENTAR AS RUAS COM PEDRAS PRECIOSAS.

TE LO ESPAÇO PODEM ESPALHAR... GIR PERFUMES DO AQUILES... (MACHADO)



AMIGO "RIRE":
ACHAMOS PIADA A' TRANSPLANTAÇÃO DO NOSSO SNOWDEN DA CONCEIÇÃO.
BEIJINHOS DO SEMPRE FIXE



Le Rire

de